

# “Louvado sejas”

## Carta Encíclica do Papa Francisco



“Louvado sejas [*Laudato Si'*]:  
sobre o cuidado da casa comum”

*Paulo Suess, 2015*

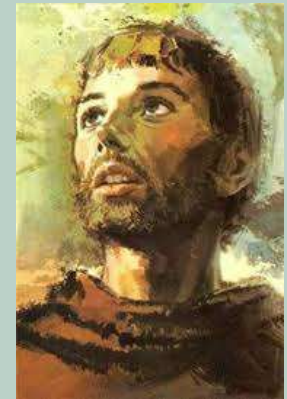


*Louvado sejas, meu  
Senhor, Por nossa  
irmã a mãe Terra  
Que nos sustenta e  
governa, e produz  
frutos diversos e  
coloridas flores e  
ervas.*

*Cantico do Irmão Sol*



# Fogo pentecostal, jovialidade franciscana, seriedade inaciana



A Encíclica “Louvado sejas” (LS) é um compêndio socioecológico com muitos colaboradores e fontes; mas, afinal, tem o pulso do Papa Francisco e sua assinatura programática na festa de Pentecostes, dia 24 de maio de 2015.



# Método e fontes



- Metodologia indutiva latino-americana do “ver-julgar-agir”; Construção dos conceitos a partir da realidade.
- Proposta de um “debate honesto” (LS 61) em torno do grande tema da responsabilidade de toda a humanidade pelo planeta Terra.
- Interlocução com o Vaticano II (GS), antecessores, Igrejas locais (católicas ou não), comunidade científica.

# Linhas mestras



- 1. O desenvolvimento subordinado ao lucro produziu a “cultura do descarte” (LS 16, 22, 43) e a deterioração da qualidade de vida.**
- 2. Existe um vínculo entre questões ecológicas e questões sociais (cf. LS 43, 48): “ecologia integral”.**
- 3. Somente uma “ecologia integral”, que é antes de tudo uma “ecologia humana” (LS 5, 148, 152, 155s)”, pode frear a degradação socioambiental e climática.**
- 4. A “ecologia humana/integral” visa o “bem comum” (LS 23ss, 156ss) que exige uma “conversão ecológica”.**



# I. Ver o contexto



- “O que está acontecendo com nossa casa”? Esse primeiro dos seis capítulos da Encíclica se dedica ao “ver” da realidade.
- “Reflexões teológicas ou filosóficas sobre a situação da humanidade e do mundo” necessitam “um confronto com o contexto atual no que este tem de inédito para a história da humanidade” (LS 17).

A raiz humana  
7 da crise ecológica

***“Uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social que deve integrar a justiça [...] para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres” (LS 49).***





## I.8 VER: O contexto brasileiro

- CF 1979: “Por um mundo mais humano” (ecologia humana!) e: “Preserve o que é de todos”.
- Em 1992, a CNBB realizou um Seminário sobre “A Igreja e a Questão Ecológica” (cf. LS 88).
- CF 2004: “Água, fonte de vida” (LS 27 a 31).
- CF 2011: “Fraternidade e a Vida no Planeta”/“A criação geme em dores de parto” (Rm 8,22).
- Outras CF: trabalho (1978, 1991, 1999), migração (1980), terra (1986), moradia (1993), indígenas (2002).
- Cursos (Cesep), Semanas de Estudo, Planos Pastorais divulgaram o pensamento sócio ecológico.



# 9 “A criação geme em dores de parto”

## CF 2011





# I. VER (cap. 1: LS 17-61)

## <sup>10</sup> O que está acontecendo com nossa casa?

Aceleração das mudanças em descompasso com a evolução biológica e o bem comum (18)

### 1. Poluição e mudanças climáticas

a) Poluição atmosférica, resíduos e cultura do descarte (20ss)

b) O Clima como bem comum (23-26);

- Aquecimento do sistema climático (25);
- Mudanças: estilo de vida, produção, consumo (23);
- Efeito de estufa (23);
- elevação constante do nível do mar (24);
- Emigração em fuga da miséria (25),
- Subsistência dos pobres depende das reservas naturais



# I. VER (cap. 1)

## 11 O que está acontecendo com nossa casa?

### 2. A questão da água (LS 27-31)

- A qualidade da água disponível para os pobres diminuiu, o que causa um aumento do custo de vida (29; 31);
- Tendência de privatizar a água e fazer dela uma mercadoria (30).

### 3. Perda de biodiversidade (LS 32-42)

- Os recursos da terra, as espécies vegetais e as diferentes espécies vivas estão desaparecendo (32-35);
- Agrotóxicos a serviço das monoculturas (34);
- Os pulmões do mundo, a Amazônia, a bacia fluvial do Congo e o ecossistema das florestas tropicais estão sendo depredados (34-38).



## I. VER (cap. 1)

# O <sup>12</sup> que está acontecendo com nossa casa?

### 4. Deterioração da qualidade de vida e degradação social (LS 43-47)

- **Degradação ambiental: modelo de desenvolvimento (LS 43)**
- **Crescimento desmedido e descontrolado (LS 44)**

*“Não é conveniente para os habitantes deste planeta viver cada vez mais encobertos de cimento, asfalto, vidro e metais, privados do contato físico com a natureza” (LS 44).*





# I. VER (cap. 1)

## O <sup>13</sup>que está acontecendo com nossa casa?

### 5. Desigualdade planetária (LS 48-52).

- “O ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto” (48).
- “Uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça” (49).
- Hoje “se desperdiça aproximadamente um terço dos alimentos produzidos” (50).
- A desigualdade afeta “países inteiros, e obriga a pensar numa ética das relações internacionais. [...] Há uma verdadeira «dívida ecológica», [...] entre o Norte e o Sul” (51).
- “Os povos em vias de desenvolvimento [...] continuam a alimentar o progresso dos países mais ricos” (52).



# I. VER (cap. 1)



## 14 O que está acontecendo com nossa casa?

### 6. A fraqueza das reações (LS 53-59).

- Os gemidos da irmã terra e dos abandonados do mundo reclamam “de nós outro rumo. [...] Torna-se indispensável criar um sistema normativo que inclua limites invioláveis e assegure a proteção dos ecossistemas, antes que as novas formas de poder derivadas do paradigma tecnoeconômico acabem por arrasá-los não só com a política, mas também com a liberdade e a justiça ” (53).

- Preocupa a fraqueza da reação política internacional. A submissão da política à tecnologia e à finança demonstra-se na falência das cúpulas mundiais sobre o meio ambiente. [...] Com muita facilidade, o interesse econômico chega a prevalecer sobre o bem comum (54).



➔ *“A desigualdade não afeta apenas os indivíduos, mas países inteiros, e obriga a pensar numa ética das relações internacionais” (LS 51) contra “uma alegre irresponsabilidade” (LS 59).*





# I. VER (cap. 1)

## O <sup>16</sup> que está acontecendo com nossa casa?

### 7. Diversidade de opiniões (LS 60-61).

“Sobre muitas questões concretas, a Igreja não tem motivo para propor uma palavra definitiva e entende que deve escutar e promover o debate honesto entre os cientistas, respeitando a diversidade de opiniões. [...] A esperança convida-nos a reconhecer que sempre [...] podemos mudar de rumo [...]. Todavia parece notar-se sintomas dum ponto de ruptura, por causa da alta velocidade das mudanças e da degradação, que se manifestam tanto em catástrofes naturais regionais como em crises sociais ou mesmo financeiras, uma vez que os problemas do mundo não se podem analisar nem explicar de forma isolada” (61).

## II. Julgar (cap. 2, 3, 4)



- O “julgar” da situação levantada é apresentado em três capítulos através de três horizontes:
- **II.1. Horizonte bíblico:** “O Evangelho da criação” (cap. 2).
- **II.2. Horizonte cultural:** “A raiz humana da crise ecológica” (cap. 3), com ênfase no paradigma tecnocrático e antropocêntrico.
- **II.3. Horizonte orientador:** “Uma ecologia integral” (cap. 4), com ênfase na vida cotidiana (princípios do bem comum e da justiça intergeracional).

## II. JULGAR (cap. 2: LS 62-100)

### O Evangelho da criação



*“É importante ler os textos bíblicos no seu contexto, com uma justa hermenêutica, e lembrar que nos convidam a «cultivar e guardar» o jardim do mundo” (cf. Gn 2, 15) [LS 67].*

#### **II.1. Horizonte bíblico** (LS 62-100)

*“A ciência e a religião que fornecem diferentes abordagens da realidade, podem entrar num diálogo intenso e frutuoso para ambas” (LS 62)*



## **II.<sup>19</sup> JULGAR** (cap. 2)

### **○ Evangelho da criação**



#### **II.1. Horizonte bíblico** (LS 62-100)

**II.1.1. A luz que a fé oferece (63s)**

**II.1.2. A sabedoria das narrações bíblicas (65-75)**

**II.1.3. O mistério do universo (76-83)**

**II.1.4. A mensagem de cada criatura (84-88)**

**II.1.5. Uma comunhão universal (89-92)**

**II.1.6. O destino comum dos bens (93-95)**

**II.1.7. O olhar de Jesus (96-100)**

## II. <sup>20</sup> JULGAR: O Evangelho da criação (cap. 2)

### II.1. Horizonte bíblico (LS 62-100)



#### II.1.1. A luz que a fé oferece (63s)

“Se tivermos presente a complexidade da crise ecológica e as suas múltiplas causas, deveremos reconhecer que as soluções não podem vir de uma única maneira de interpretar e transformar a realidade” (63).

“Embora esta encíclica se abra a um diálogo com todos para, juntos, buscarmos caminhos de libertação, quero mostrar desde o início como as convicções da fé oferecem aos cristãos [...] motivações altas para cuidar da natureza e dos irmãos e irmãs mais frágeis (64).

# II. JULGAR: O Evangelho da criação (cap. 2)

21



## II.1. Horizonte bíblico (LS 62-100)

### II.1.2. A sabedoria das narrações bíblicas (LS 65-75)

- “A Bíblia ensina que cada ser humano é criado por amor, feito à imagem e semelhança de Deus (cf. *Gn* 1, 26).” (65).
- “As narrações da criação no livro do Génesis contêm, na sua linguagem simbólica e narrativa, ensinamentos profundos sobre a existência humana e a sua realidade histórica. Estas narrações sugerem que a existência humana se baseia sobre três relações fundamentais intimamente ligadas: as relações com Deus, com o próximo e com a terra” (66).
- **A ruptura dessas relações é o pecado. “A terra existe antes de nós e foi-nos dada” (67).**
- “A Bíblia não dá lugar a um antropocentrismo despótico que se desinteressa das outras criaturas” (69).

# II. JULGAR: O Evangelho da criação (cap. 2)

22



## II.1. Horizonte bíblico (LS 62-100)

### II.1.3a. O mistério do universo (76-79)

- “A natureza entende-se habitualmente como um sistema que se analisa, compreende e gere, mas a criação só se pode conceber como um dom que vem das mãos abertas do Pai de todos, como uma realidade iluminada pelo amor que nos chama a uma comunhão universal” (76).
- “O pensamento judaico-cristão desmitificou a natureza. Sem deixar de a admirar pelo seu esplendor e imensidão, já não lhe atribui um caráter divino” (78).
- “Neste universo, composto por sistemas abertos que entram em comunicação uns com os outros, podemos descobrir inumeráveis formas de relação e participação.” (79).



# II. JULGAR: O Evangelho da criação (cap. 2)

23

## II.1. Horizonte bíblico (LS 62-100)



### II.1.3b. O mistério do universo (80-83)

- Deus “quis limitar-Se a Si mesmo, criando um mundo necessitado de desenvolvimento, onde muitas coisas que consideramos males, perigos ou fontes de sofrimento, na realidade fazem parte das dores de parto” (80).
- Os processos evolutivos não excluem que o ser humano implica “uma singularidade que transcende o âmbito físico e biológico” (81).
- Mas os outros seres vivos não são “meros objetos submetidos ao domínio arbitrário do ser humano” (82).



# II. JULGAR: O Evangelho da criação (cap. 2)

24

## II.1. Horizonte bíblico (LS 62-100)



### II.1.4. A mensagem de cada criatura na harmonia de toda a criação (84-88)

- A multiplicidade e a variedade das criaturas provêm da intenção de Deus que “quis que «o que falta a cada coisa, para representar a bondade divina, seja suprido pelas outras», pois a Sua bondade «não pode ser convenientemente representada por uma só criatura». [...] Elas só existem na dependência umas das outras, para se completarem»” (86)
- A presença do dedo de Deus nas criaturas “estimula em nós o desenvolvimento das «virtudes ecológicas». Mas [...] não esqueçamos que há também uma distância infinita, pois as coisas deste mundo não possuem a plenitude de Deus” (88).

## II. JULGAR: O Evangelho da criação (cap. 2)

25

### II.1. Horizonte bíblico (LS 62-100)



#### II.1.5. Uma comunhão universal (89-92)

- “«Deus uniu-nos tão estreitamente ao mundo que [...] podemos lamentar a extinção de uma espécie como se fosse uma mutilação»” (89).
- “Não pode ser autêntico um sentimento de união íntima com os outros seres da natureza, se ao mesmo tempo não houver no coração ternura, compaixão e preocupação pelos seres humanos. [...] Por isso, exige-se uma preocupação pelo meio ambiente, unida ao amor sincero pelos seres humanos” (91).
- “Quando o coração está verdadeiramente aberto a uma comunhão universal, nada e ninguém fica excluído desta fraternidade” (92).

## II. JULGAR: O Evangelho da criação (cap. 2)

26

### II.1. Horizonte bíblico (LS 62-100)



#### II.1.6. O destino comum dos bens (93-95)

- A terra é uma herança comum, que deve beneficiar a todos. “Por conseguinte, toda a abordagem ecológica deve integrar uma perspectiva social que tenha em conta os direitos fundamentais dos mais desfavorecidos. O princípio da subordinação da propriedade privada ao destino universal dos bens e, conseqüentemente, o direito universal ao seu uso é uma «regra de ouro» do comportamento social e o «primeiro princípio de toda a ordem ético-social»” (93).
- “O meio ambiente é um bem coletivo, patrimônio de toda a humanidade e responsabilidade de todos. Quem possui uma parte é apenas para a administrar em benefício de todos” (95).

# II. JULGAR: O Evangelho da criação (cap. 2)

27

## II.1. Horizonte bíblico (LS 62-100)



### II.1.7. O olhar de Jesus (96-100)

- Jesus, “quando percorria os quatro cantos da sua terra, detinha-Se a contemplar a beleza semeada por seu Pai” (97).
- “Jesus [...] não Se apresentava como um asceta separado do mundo” ou inimigo das coisas aprazíveis da vida (98).
- “O destino da criação inteira passa pelo mistério de Cristo [...] : «Todas as coisas foram criadas por Ele e para Ele» (C/ 1, 16). [...] Desde o início do mundo, mas de modo peculiar a partir da encarnação, o mistério de Cristo opera veladamente no conjunto da realidade natural” (99).
- O Novo Testamento fala de Jesus terreno, mas mostra Ele “também como ressuscitado e glorioso, presente em toda a criação” (100).

## 28 **II. JULGAR** (cap. 3)

# **A raiz humana da crise ecológica**



## **II.2. Horizonte cultural** (LS 101-136)

**II.2.1. Tecnologia: criatividade e poder**

**II.2.2. Globalização do paradigma tecnocrático**

**II.2.3. Crise do antropocentrismo moderno:**

- **O relativismo prático** (122-123)
- **A necessidade de defender o trabalho** (124-129)
- **Inovação biológica a partir da pesquisa** (130-136).



## II.2. Horizonte cultural (LS 101-136)



**Sobre o paradigma tecnocrático dominante e o lugar do ser humano nele (cf. 101).**

### II.2.1. A tecnologia: criatividade e poder (102-105)

- A tecnologia nos põe diante de uma encruzilhada: somos herdeiros de progressos benéficos (102; 103) e poderes perigosos (104).
- A verdade é que «o homem moderno não foi educado para o reto uso do poder», [84] porque o imenso crescimento tecnológico não foi acompanhado por um desenvolvimento do ser humano quanto à responsabilidade, aos valores, à consciência” (105).

## II. JULGAR: A raiz humana da crise ecológica

30



### II.2. Horizonte cultural (LS 101-136)

#### II.2.2. Globalização do paradigma tecnocrático (106-114)

- No paradigma unidimensional atual, em função do lucro (cf. 109), sobressai o ser humano como sujeito que, no processo lógico-racional, se apropria do objeto numa atitude de posse: “O que interessa é extrair o máximo possível das coisas” (106).
- “Os efeitos da aplicação deste modelo a toda a realidade, humana e social, constata-se na degradação do meio ambiente, mas isto é apenas um sinal do reducionismo que afeta a vida humana e a sociedade em todas as suas dimensões” (107).
- **“O que está a acontecer põe-nos perante a urgência de avançar numa corajosa revolução cultural” (114).**

## II. JULGAR: A raiz humana da crise ecológica

21

### II.2. Horizonte cultural (LS 101-136)



#### ● II.2.3. Crise do antropocentrismo moderno e suas consequências (115-136)

“Não haverá uma nova relação com a natureza, sem um ser humano novo.” (118). “Se a crise ecológica é uma expressão ou uma manifestação externa da crise ética, cultural e espiritual da modernidade, não podemos iludir-nos de sanar a nossa relação com a natureza e o meio ambiente, sem curar todas as relações humanas” (119).

- a) O relativismo prático (122-123)
- b) A necessidade de defender o trabalho (124-129)
- c) A inovação biológica a partir da pesquisa (130-136)

### II.2. Horizonte cultural (LS 101-136)

- **II.2.3. Crise do antropocentrismo moderno e suas consequências (115-136):**
  - **a) O relativismo prático (122-123)**



“A cultura do relativismo é a mesma patologia que impele uma pessoa a aproveitar-se de outra e a tratá-la como mero objeto [...]. É a mesma lógica do «usa e joga fora» [...]. quando é a cultura que se corrompe deixando de reconhecer qualquer verdade objetiva ou quaisquer princípios universalmente válidos, as leis só se poderão entender como imposições arbitrárias e obstáculos a evitar” (123).

## II. JULGAR: A raiz humana da crise ecológica

### II.2. Horizonte cultural (LS 101-136)



- **II.2.3. Crise do antropocentrismo moderno e suas consequências:**
  - **b) A necessidade de defender o trabalho** (124-129)
  - “Em qualquer abordagem de ecologia integral [...] é indispensável incluir o valor do trabalho [...]. Os operários e os artesãos «asseguram uma criação perpétua»” (124).
  - “Falando da relação do ser humano com as coisas, impõe-se, a nós, a questão relativa ao sentido e finalidade da ação humana sobre a realidade” (125).
  - “Ajudar os pobres com o dinheiro deve ser sempre um remédio provisório para enfrentar emergências. O verdadeiro objetivo deveria ser sempre consentir-lhes uma vida digna através do trabalho” (128).



## II. JULGAR: A raiz humana da crise ecológica

### II.2. Horizonte cultural (LS 101-136)



- **II.2.3. Crise do antropocentrismo moderno e suas consequências:**
- **c) A inovação biológica a partir da pesquisa** (LS 130-136)
  - “É difícil emitir um juízo geral sobre o desenvolvimento de organismos modificados geneticamente (OMG)” (133).
  - Em muitos lugares, na sequência da introdução de culturas transgênicas, “constata-se uma concentração de terras produtivas nas mãos de poucos”. Os pequenos produtores “tornam-se trabalhadores precários, e muitos assalariados agrícolas acabam por emigrar para miseráveis aglomerados das cidades. A expansão destas culturas destrói a complexa trama dos ecossistemas, diminui a diversidade na produção e afeta o presente ou o futuro das economias regionais” (134).

## **II. JULGAR** (cap. 4)

35

# **Uma ecologia integral** (LS 137-162)



### **II.3. Horizonte orientador**

- 1. Ecologia ambiental,  
econômica e social**
- 2. Ecologia cultural**
- 3. Ecologia da vida cotidiana**
- 4. O princípio do bem comum**
- 5. A justiça intergeracional**

## II. JULGAR: Uma ecologia integral



### II.3. Horizonte orientador (LS 137-162)

#### 1. Ecologia ambiental, econômica e social (138-142)

- “Assim como os vários componentes do planeta – físicos, químicos e biológicos – estão relacionados entre si, assim também as espécies vivas formam uma trama [...]. Boa parte da nossa informação genética é partilhada com muitos seres vivos. Por isso, os conhecimentos fragmentários e isolados podem tornar-se uma forma de ignorância, quando resistem a integrar-se numa visão mais ampla da realidade” (138).

- “As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza” (139).

- “Quando se fala de «uso sustentável», é preciso incluir sempre uma consideração sobre a capacidade regenerativa de cada ecossistema” (140).

## II. JULGAR: Uma ecologia integral



### II.3. Horizonte orientador (LS 137-162)

#### 2. Ecologia cultural (143-146)

- “A ecologia envolve também o cuidado das riquezas culturais da humanidade, no seu sentido mais amplo. Mais diretamente, pede que se preste atenção às culturas locais, quando se analisam questões relacionadas com o meio ambiente, fazendo dialogar a linguagem técnico-científica com a linguagem popular” (143).
- “As soluções meramente técnicas correm o risco de tomar em consideração sintomas que não correspondem às problemáticas mais profundas. [...] O desenvolvimento de um grupo social supõe um processo histórico no âmbito de um contexto cultural e requer constantemente o protagonismo dos atores sociais locais *a partir da sua própria cultura*” (144).

## II. JULGAR: Uma ecologia integral



### II.3. Horizonte orientador (LS 137-162)

#### 3. Ecologia da vida cotidiana (147-155)

- O desdobramento da ecologia humana se mostra nas situações concretas da vida cotidiana (casa, bairro, cidade, transporte).
- “Admirável é a criatividade e generosidade de pessoas e grupos que são capazes de dar a volta às limitações do ambiente, modificando os efeitos adversos dos condicionalismos e aprendendo a orientar a sua existência no meio da desordem e precariedade” (148).
- “Inversamente está provado que a penúria extrema [...], facilita o aparecimento de comportamentos desumanos (149).
- “A falta de habitação é grave em muitas partes do mundo [...]. A propriedade da casa tem muita importância para a dignidade das pessoas [...]. Trata-se de uma questão central da ecologia humana (152).





### II.3. Horizonte orientador (LS 137-162)

#### 4. O princípio do bem comum (156-158)

- “O bem comum pressupõe o respeito pela pessoa humana enquanto tal, com direitos fundamentais e inalienáveis [...]. Exige também os dispositivos de bem-estar e segurança social e o desenvolvimento dos vários grupos intermédios, aplicando o princípio da subsidiariedade. [...] O bem comum requer a paz social, [...] que não se realiza sem uma atenção particular à justiça distributiva, cuja violação gera sempre violência” (157).

- Na “sociedade mundial, onde [...] são cada vez mais numerosas as pessoas descartadas, privadas dos direitos humanos fundamentais, o princípio do bem comum torna-se [...] um apelo à solidariedade e uma opção preferencial pelos mais pobres” (158).

## II. JULGAR: Uma ecologia integral



### II.3. Horizonte orientador (LS 137-162)

#### 5. A justiça intergeracional (159-162)

- “Quando pensamos na situação em que se deixa o planeta às gerações futuras, entramos em outra lógica: a do dom gratuito, que recebemos e comunicamos” (159).
- “Exige-se ter consciência de que é a nossa própria dignidade que está em jogo. Isto chama em causa o significado da nossa passagem por esta terra” (160).
- “O ritmo de consumo, desperdício e alteração do meio ambiente superou de tal maneira as possibilidades do planeta, que o estilo de vida atual – por ser insustentável – só pode desembocar em catástrofes” (161).
- A dificuldade deste “desafio tem a ver com uma deterioração ética e cultural, que acompanha a deterioração ecológica” (162).

## III. O agir socioecológico



**O agir socioecológico é delineado em dois capítulos e um Anexo:**

- **1. Algumas linhas de orientação e ação** (cap. V)
- **2. Educação e espiritualidade ecológicas** (cap. VI)
- **3. Ecologia, povos indígenas, pastoral indigenista** (Anexo)

**O agir descreve “percursos de diálogo que nos ajudem a sair da espiral de autodestruição onde estamos afundando” (LS 163).**

### **III. AGIR** (cap. 5; LS 163-246)



## **1.<sup>42</sup> Algumas linhas de orientação e ação**

- 1. O diálogo sobre o meio ambiente na política internacional (164-175)**
- 2. O diálogo para novas políticas nacionais e locais (176-181)**
- 3. Diálogo e transparência nos processos decisórios (182-188)**
- 4. Política e economia em diálogo para a plenitude humana (189-198)**
- 5. As religiões no diálogo com as ciências (199-201).**

# III. AGIR (cap. 5; LS 163-246)



## 43 1. Algumas linhas de orientação e ação

### 1. O diálogo sobre o meio ambiente na política internacional (164-175)

- Um mundo interdependente significa “procurar que as soluções sejam propostas a partir de uma perspectiva global e não apenas para defesa dos interesses de alguns países” (164).
- **Os princípios enunciados na Declaração de Estocolmo (1972) e no Rio de Janeiro (1992) “continuam requerendo caminhos eficazes e ágeis de realização prática” (167). “Urgem acordos internacionais que se cumpram” (173).**
- “A estratégia de compra-venda de «créditos de emissão» pode levar a uma nova forma de especulação, que [...] não implica de forma alguma uma mudança radical à altura das circunstâncias (171).



### III. AGIR (cap. 5; LS 163-246)

44

## 1. Algumas linhas de orientação e ação



## 2. O diálogo para novas políticas nacionais e locais

(176-181)

- “O drama de uma política focalizada nos resultados imediatos [...] torna necessário produzir crescimento a curto prazo. [...] A construção míope do poder frena a inserção de uma agenda ambiental com visão ampla na agenda pública dos governos”

(178).

- “Indispensável é a continuidade, porque não se podem modificar as políticas relativas às alterações climáticas e à proteção ambiental todas as vezes que muda um governo”

(181).

# III. AGIR (cap. 5; LS 163-246)



45

## 1. Algumas linhas de orientação e ação

### 3. Diálogo e transparência nos processos decisórios

(182-188)

- "Um estudo de impacto ambiental não deveria ser posterior à elaboração de um projeto produtivo ou de qualquer política, plano ou programa. Há de inserir-se desde o princípio e elaborar-se de forma interdisciplinar, transparente e independente de qualquer pressão econômica ou política. [...] No debate, devem ter um lugar privilegiado os moradores locais, aqueles mesmos que se interrogam sobre o que desejam para si e para os seus filhos e podem ter em consideração as finalidades que transcendem o interesse econômico imediato" (183).

# III. AGIR (cap. 5; LS 163-246)



## 1.<sup>46</sup> Algumas linhas de orientação e ação

### 4. Política e economia em diálogo para a plenitude humana (189-198)

- “A política não deve submeter-se à economia, e esta não deve submeter-se aos ditames e ao paradigma efficientista da tecnocracia.” (189).
- “«A proteção ambiental não pode ser assegurada somente com base no cálculo financeiro de custos e benefícios. O ambiente é um dos bens que os mecanismos de mercado não estão aptos a defender ou a promover adequadamente»” (190).
- “Não é suficiente conciliar, a meio termo, o cuidado da natureza com o ganho financeiro [...]. Os meios-termos são apenas um pequeno adiamento do colapso. Trata-se [...] de redefinir o progresso” (194).

# III. AGIR <sup>47</sup> (cap. 5; LS 163-246)



## 1. Algumas linhas de orientação e ação

### 5. As religiões no diálogo com as ciências (199-201)

- “Não se pode sustentar que as ciências empíricas expliquem completamente a vida, a essência íntima de todas as criaturas e o conjunto da realidade. [...] Quero lembrar que «os textos religiosos clássicos podem oferecer um significado para todas as épocas, possuem uma força motivadora que abre sempre novos horizontes” (199).
- “A maior parte dos habitantes do planeta declara-se crente, e isto deveria levar as religiões a estabelecerem diálogo entre si, visando o cuidado da natureza, a defesa dos pobres, a construção de uma rede de respeito e de fraternidade.” (201).

### III. AGIR (cap. 6; LS 202-246)



## 2. Educação e espiritualidade ecológicas



“Falta a consciência de uma origem comum, de uma recíproca pertença e de um futuro partilhado por todos. Esta consciência basilar permitiria o desenvolvimento de novas convicções, atitudes e estilos de vida. Surge, assim, um grande desafio cultural, espiritual e educativo que implicará longos processos de regeneração” (202).



# **III. AGIR** (cap. 6; LS 202-246)

## **2. Educação e espiritualidade ecológicas**

- 1. Apontar para outro estilo de vida (203-208)**
- 2. Educar para a aliança entre a humanidade e o ambiente (209-215)**
- 3. A conversão ecológica (216-221)**
- 4. Alegria e paz (222-227)**
- 5. Amor civil e político (228-232)**
- 6. Os sinais sacramentais e o descanso celebrativo (233-237)**
- 7. A Trindade e a relação entre as criaturas (238-240)**
- 8. A Rainha de toda a criação (241-242)**
- 9. Para além do Sol (243-246)**
- 10. Perguntas para uma cartilha do bem viver**



# III. AGIR (cap. 6; LS 202-246)



## 2. Educação e espiritualidade ecológicas

### 1. Apontar para outro estilo de vida (203-208)

- “Dado que o mercado tende a criar um mecanismo consumista compulsivo para vender os seus produtos, as pessoas acabam por ser arrastadas pelo turbilhão das compras e gastos supérfluos. O consumismo obsessivo é o reflexo subjetivo do paradigma tecnoeconômico..” (203).
- “Uma mudança nos estilos de vida poderia chegar a exercer uma pressão salutar sobre quantos detêm o poder político, econômico e social” (206).
- “Quando somos capazes de superar o individualismo, pode-se realmente desenvolver um estilo de vida alternativo e torna-se possível uma mudança relevante na sociedade” (208).

### III. AGIR (cap. 6; LS 202-246)



## 2. Educação e espiritualidade ecológicas

### 2. Educar para a aliança entre a humanidade e o ambiente (209-215)

“A educação ambiental tem vindo a ampliar os seus objetivos. Se, no começo, estava muito centrada na informação científica e na conscientização e prevenção dos riscos ambientais, agora tende a incluir uma crítica dos «mitos» da modernidade baseados na razão instrumental (individualismo, progresso ilimitado, concorrência, consumismo, mercado sem regras) e tende também a recuperar os distintos níveis de equilíbrio ecológico: o interior consigo mesmo, o solidário com os outros, o natural com todos os seres vivos, o espiritual com Deus.” (210).

# III. AGIR (cap. 6; LS 202-246)

## 2. Educação e espiritualidade ecológicas



### 3. A conversão ecológica (216-221)

- “A conversão ecológica “implica gratidão e gratuidade, ou seja, um reconhecimento do mundo como dom recebido do amor do Pai [...]. Implica ainda a consciência amorosa de não estar separado das outras criaturas [...]. Além disso a conversão ecológica, fazendo crescer as peculiares capacidades que Deus deu a cada crente, leva-o a desenvolver a sua criatividade e entusiasmo para resolver os dramas do mundo” (220).
- “Convido todos os cristãos a explicitar esta dimensão da sua conversão, permitindo que a força e a luz da graça recebida se estendam também à relação com as outras criaturas e com o mundo que os rodeia, e suscite aquela sublime fraternidade com a criação inteira que viveu [...] São Francisco de Assis” (221).

# III. AGIR (cap. 6; LS 202-246)



## 2. Educação e espiritualidade ecológicas

### 4. Alegria e paz (222-227)

- “A espiritualidade cristã propõe um crescimento na sobriedade e uma capacidade de se alegrar com pouco. É um regresso à simplicidade que nos permite parar a saborear as pequenas coisas, agradecer as possibilidades que a vida oferece sem nos apegarmos ao que temos nem entristecermos por aquilo que não possuímos” (222).
- “A sobriedade, vivida livre e conscientemente, é libertadora” (223).
- “Ninguém pode amadurecer numa sobriedade feliz, se não estiver em paz consigo mesmo. [...] A paz interior das pessoas tem muito a ver com o cuidado da ecologia e com o bem comum [...] reflete-se num equilibrado estilo de vida” (225).



# III. AGIR (cap. 6; LS 202-246)



## 50 2. Educação e espiritualidade ecológicas

### 5. Amor civil e político (228-232)

- “O cuidado da natureza faz parte de um estilo de vida que implica capacidade de viver juntos e de comunhão. [...] O amor fraterno só pode ser gratuito [...]. Por isso, é possível amar os inimigos. Esta mesma gratuidade leva-nos a amar e aceitar o vento, o sol [...]. Assim podemos falar de uma fraternidade universal” (228).
- “O amor, cheio de pequenos gestos de cuidado mútuo, é também civil e político, manifestando-se em todas as ações que procuram construir um mundo melhor. O amor à sociedade e o compromisso pelo bem comum são uma forma eminente de caridade, que toca não só as relações entre os indivíduos, mas também «as macrorrelações” (231).

# III. AGIR (cap. 6; LS 202-246)



## 2. Educação e espiritualidade ecológicas

### 6. Os sinais sacramentais e o descanso celebrativo (233-237)

- “O universo desenvolve-se em Deus, que o preenche completamente. [...] O ideal não é só passar da exterioridade à interioridade para descobrir a ação de Deus na alma, mas também chegar a encontrá-Lo em todas as coisas” (233).
- Os sacramentos constituem um modo privilegiado em que a natureza é assumida por Deus e transformada em mediação da vida sobrenatural. [...] A água, o azeite, o fogo e as cores são assumidas com toda a sua força simbólica e incorporam-se no louvor. [...]. Segundo a experiência cristã, todas as criaturas do universo material encontram o seu verdadeiro sentido no Verbo encarnado, porque o Filho de Deus [...] introduziu um gérmen de transformação definitiva” (235).

# III. AGIR (cap. 6; LS 202-246)



## 50 2. Educação e espiritualidade ecológicas

### 7. A Trindade e a relação entre as criaturas (238-240)

- “Para os cristãos, acreditar num Deus único que é comunhão trinitária, leva a pensar que toda a realidade contém em si mesma uma marca propriamente trinitária. [...] Indica-nos, assim, o desafio de tentar ler a realidade em chave trinitária.” (239).
- “A pessoa humana cresce, amadurece e santifica-se tanto mais, quanto mais se relaciona, sai de si mesma para viver em comunhão com Deus, com os outros e com todas as criaturas. [...] Tudo está interligado, e isto convida-nos a maturar uma espiritualidade da solidariedade global que brota do mistério da Trindade” (240).

# III. AGIR (cap. 6; LS 202-246)



## 50 2. Educação e espiritualidade ecológicas

### 8. A Rainha de toda a criação (241-242)

“Maria, a mãe que cuidou de Jesus, agora cuida com carinho e preocupação materna deste mundo ferido. Assim como chorou com o coração trespassado a morte de Jesus, assim também agora Se compadece do sofrimento dos pobres crucificados e das criaturas deste mundo exterminadas pelo poder humano. [...] Maria não só conserva no seu coração toda a vida de Jesus, que «guardava» cuidadosamente (cf.Lc2, 51), mas agora compreende também o sentido de todas as coisas. Por isso, podemos pedir-Lhe que nos ajude a contemplar este mundo com um olhar mais sábio” (241).



# III. AGIR (cap. 6; LS 202-246)

## 2. Educação e espiritualidade ecológicas



### 9. Para além do Sol (243-246)

- “No fim, vamos nos encontrar face a face com a beleza infinita de Deus [...] Estamos a caminhar para o sábado da eternidade, para a nova Jerusalém, para a casa comum do Céu” (243).
- “Na expectativa da vida eterna, [...] caminhemos cantando; que as nossas lutas e a nossa preocupação por este planeta não nos tirem a alegria da esperança” (244).
- No coração deste mundo, permanece presente o Senhor da vida que [...] Se uniu definitivamente à nossa terra e o seu amor sempre nos leva a encontrar novos caminhos. Que Ele seja louvado!” (245).

# III. AGIR: Perguntas

## 2. Educação e espiritualidade ecológicas



### 10. Perguntas para construir uma cartilha do bem viver

1. Como fazer uma crítica radical ao sistema capitalista que mata (cf. EG 53) pelos estímulos à desigualdade, à acumulação e à migração, ao crescimento, à aceleração e banalização da vida e das relações sociais, pela precarização do trabalho?
2. Como desmascarar as soluções paliativas para mitigar os efeitos negativos do capitalismo sem tratamento das raízes causadoras? Neste cenário, a chamada “erradicação da pobreza” é uma espécie de mitigação sofisticada. Cestas básicas em terras não demarcadas criam o tédio total nas aldeias indígenas.
3. Como convencer os “beneficiados” dessa mitigação, de que eles vivem das sobras da exploração e não num Estado de bem-estar social?



# III. AGIR: Perguntas

## 2. Educação e espiritualidade ecológicas



### 10 Perguntas para construir uma cartilha do bem viver

4. Como encontrar e articular aliados nessa crítica?
5. Como congregiar setores das Igrejas que estão dispostos a resgatar os valores contraculturais do Reino e vive-los em nossas lutas cotidianas: gratuidade, ascese, despojamento, mística, transparência administrativa, conversão, solidariedade, responsabilidade?
6. Como reeducar o mundo alienado pela mídia e o consumo num mundo militante pelo bem viver de todos?
7. Como aprofundar o nome de Deus, que é justiça e misericórdia (Jer 23,6; 33,16)? A justiça cristã é justiça da ressurreição. Deus Pai rasga a sentença de morte do Filho e o faz ressuscitar.

# III. AGIR:



## 3. <sup>2</sup><sub>61</sub> Ecologia, Povos Indígenas, Pastoral Indigenista

**A causa indígena pode contribuir para a educação e espiritualidade ecológicas?**

**A ecologia integral faz parte das culturas indígenas. Por conseguinte, os povos indígenas oferecem à sociedade não indígena a herança de uma educação e espiritualidade integral. As tentativas sistêmicas de destruir essa herança, que é orientada para a vida de todos e não para o lucro de particulares, constituem o conflito básico entre duas visões do mundo, causando violência, mortes e lutas (cf. LS 200, 204, 230).**

### III. AGIR (Anexo)



## 3.<sup>62</sup> Ecologia, Povos Indígenas, Pastoral Indigenista

### 1. Assunção da Causa Indígena pela LS

No contexto de um longo processo de aproximação e numa sincronia espiritual e real, a causa e a pastoral indígenas se sentem amparadas e confirmadas pela LS: "É indispensável prestar uma atenção especial às comunidades aborígenes com as suas tradições culturais. Não são apenas uma minoria entre outras, mas devem tornar-se os principais interlocutores, especialmente quando se avança com grandes projetos que afetam os seus espaços" (LS 146), que são territórios sagrados com um valor afetivo e religioso.

# III. AGIR:



## 3. <sup>63</sup>Ecologia, Povos Indígenas, Pastoral Indigenista 2. Assunção da Causa Indígena pela LS

“Um amor apaixonado pela própria terra” (LS 179), enraizado nas populações aborígenes, exige um desligamento da terra do valor de mercado, exige organização, pressão política e luta: “Dado que o direito por vezes se mostra insuficiente devido à corrupção, requer-se uma decisão política sob pressão da população. A sociedade, através de organismos não-governamentais e associações intermédias, deve forçar os governos a desenvolver normativas, procedimentos e controles mais rigorosos. Se os cidadãos não controlam o poder político – nacional, regional e municipal –, também não é possível combater os danos ambientais” (LS 179).

# III. AGIR:



## 3. <sup>64</sup>Ecologia, Povos Indígenas, Pastoral Indigenista

### 3. Assunção da Causa Indígena pela LS

A causa indígena não pediu carona à questão ecológica. Pelo contrário, os povos indígenas foram os primeiros que despertaram, a partir de suas culturas, religiões, mitos e do sofrimento que lhes foi imposto desde a conquista, para a interdependência entre natureza e cultura.

A pastoral indigenista pós-conciliar organizada pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi), comprometeu-se desde sua Primeira Assembleia Geral (1975) e ainda numa certa solidão eclesial, a "apoiar decidida e eficazmente, em todos os níveis, o direito que têm os povos indígenas de recuperar e garantir o domínio de sua terra".

# III. AGIR



## 3. <sup>65</sup> Ecologia, Povos Indígenas, Pastoral Indigenista

### 4. Ecologia integral indígena

A ecologia integral faz parte das culturas indígenas. Por conseguinte, os povos indígenas oferecem à sociedade não indígena a herança de uma educação e espiritualidade integral.

As tentativas sistêmicas de destruir essa herança, que é orientada para a vida de todos e não para o lucro de particulares, constituem o conflito básico entre duas visões do mundo, causando violência, mortes e lutas.



# III. AGIR



## 3. <sup>66</sup> Ecologia, Povos Indígenas, Pastoral Indigenista

### 5. A terra no Plano Pastoral do Cimi e na LS

➤ “A terra é considerada fonte de vida, direito inalienável dos povos indígenas e elemento aglutinador de suas lutas e do próprio trabalho do Cimi” (PPC 32).

➤ “A terra não é um bem econômico, mas dom gratuito de Deus e dos antepassados que nela descansam, um espaço sagrado com o qual precisam interagir para manter a sua identidade [...]. Eles são objeto de pressões para que abandonem suas terras e as deixem livres para projetos extrativos e agropecuários” (LS 146).

# III. AGIR:



## 3. <sup>67</sup>Ecologia, Povos Indígenas, Pastoral Indigenista

### 6. A terra no Plano Pastoral do Cimi e na LS

➤ “A luta pela terra é estratégica e está ancorada na cosmovisão indígena, na qual terra e água, mundo natural e mítico estão profundamente articulados. Apoiar essa luta dos povos indígenas exige repensar as bases da sociedade capitalista, colocando em evidência diferentes projetos e visões de mundo” (PPC 33).

- “Entre os pobres mais abandonados e maltratados, conta-se a nossa terra oprimida e devastada [...]. Esquecemo-nos de que nós mesmos somos terra” (LS 2).
- - “Os recursos da terra estão a ser depredados também por causa de formas imediatistas de entender a economia e a atividade comercial e produtiva” (LS 32).

# III. AGIR:



## 3. <sup>3</sup><sub>68</sub> Ecologia, Povos Indígenas, Pastoral Indigenista

### 7. A terra no Plano Pastoral do Cimi e na LS

➤ “O Cimi assume o apoio [...] às diferentes formas de luta [...] como retomada, autodemarcação, desintrusão e revisão dos territórios. Posiciona-se firmemente contra os projetos desenvolvimentistas de morte, que [...] desrespeitam a dimensão sagrada das relações afetivas estabelecidas com a terra-mãe” (cf. PPC 34).

➤ **“Cada comunidade pode tomar da bondade da terra aquilo de que necessita para a sua sobrevivência, mas tem também o dever de a proteger e garantir a continuidade da sua fertilidade para as gerações futuras.[...]. Por isso, Deus proíbe-nos toda a pretensão de posse absoluta [...]” (LS 67).**

# III. AGIR:



## 3. <sup>69</sup>Ecologia, Povos Indígenas, Pastoral Indigenista 8. A formação no Plano Pastoral do Cimi e na LS

➤ “A formação proposta pelo Cimi tem como base o protagonismo indígena [...]. Esses processos se organizam de forma sistemática [...] abrangendo os povos, comunidades indígenas, lideranças, movimentos, índios na cidade, assegurando sempre a participação indígena na sua formulação, implementação e avaliação” (PPC 36).

➤ “Nunca maltratamos e ferimos a nossa casa comum como nos últimos dois séculos. [...] O problema é que não dispomos ainda da cultura necessária para enfrentar esta crise e há necessidade de construir lideranças que tracem caminhos” (LS 53).

# III. AGIR:



## 3. <sup>70</sup>Ecologia, Povos Indígenas, Pastoral Indigenista

### 9. A formação no Plano Pastoral do Cimi e na LS

➤ “Os processos formativos no Cimi têm como referência, e principal fonte, a luta dos povos indígenas por seus territórios, suas identidades, suas culturas, pela integridade de suas comunidades e de seu modo de ser, pela realização de seus projetos de vida” (PPC 126).

➤ “A aliança entre economia e tecnologia acaba por deixar de fora tudo o que não faz parte dos seus interesses imediatos [...]. Na realidade, qualquer tentativa das organizações sociais para alterar as coisas será vista como um distúrbio provocado por sonhadores românticos ou como um obstáculo a superar” (LS 54).



## III. AGIR:

### 3. <sup>71</sup> Ecologia, Povos Indígenas, Pastoral Indigenista 10. Pedido de perdão

Em sua fala aos movimentos sociais, no Equador, dia 9 de julho, o papa tinha toda razão de pedir perdão aos povos indígenas pelos pecados cometidos pela Igreja durante a conquista das Américas. Esta considerou os índios não como sujeitos de culturas, mas como objetos da natureza e por isso os chamou de "los naturales".

O dominicano Bartolomé de las Casas, em sua "Brevíssima Relação da Destruição das Índias Ocidentais", documentou as crueldades genocidas dessa conquista. Sua luta contra a exploração da força de trabalho dos índios, foi uma luta solitária.



## III. AGIR:



### 3. <sup>72</sup>Ecologia, Povos Indígenas, Pastoral Indigenista 11. Caminhar e resistir na esperança

Hoje, os povos indígenas são os indignados das Américas. Eles representam o protesto contra um país e um mundo, em que os pobres salvam os Bancos e os ricos ocupam as terras (cf. LS 189).

A pastoral indigenista procurou aprender com eles a reler a história na chave da memória subversiva e prospectiva de Jesus e devolver à terra-mercadoria a sacralidade da terra mãe, como é invocada nas primeiras linhas da Encíclica: “Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã, a mãe terra, que nos sustenta e governa e produz variados frutos com flores coloridas e verduras” (LS 1).